

AS AMEAÇAS VIVENCIADAS POR MULHERES EMPREENDEDORAS E OS COMPORTAMENTOS DE SUPERAÇÃO NA SATISFAÇÃO NO TRABALHO E NA FAMÍLIA

Eloisa Elena Shinohara - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Vânia Maria Jorge Nassif - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Alessandra Cassia De Medeiros Dellaquila - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Flávia Maria Da Silva - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Juliane Da Costa Evangelista - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Andre Luis Da Silva - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Heraldo Márcio De Aguiar - UNINOVE – Universidade Nove de Julho

Resumo

As mulheres sofrem diferentes barreiras quanto a sua participação no empreendedorismo e esta é uma das razões de aprofundar as investigações e identificar quais são os tipos de ameaças e comportamentos de superação que podem influenciar a satisfação de empreendedoras no ambiente em que elas estão inseridas, sendo este o objetivo da pesquisa. Com abordagem qualitativa e exploratória, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, na modalidade online. Foram entrevistadas 30 empreendedoras, proprietárias de micro e pequenos negócios de diferentes ramos. Os resultados foram categorizados e usou-se a análise de conteúdo para a compreensão do fenômeno. A pesquisa possibilitou encontrar justificativa em cinco fatores: econômico, social, negócio, político e acadêmico que foram agrupadas nas dimensões: histórico do empreendimento, apoio, motivações, dificuldades, sentimentos, realizações, influência das características pessoais e de gestão e características do ramo do negócio. Esses aspectos possibilitaram identificar as ameaças, mas boa parte deles revelaram que os aspectos emocionais são fatores influenciadores das satisfações. Os aspectos pessoais demonstraram que as empreendedoras percebem a importância de persistirem frente às dificuldades, saber esperar para solucionar conflitos relacionadas à família e ao trabalho. As empreendedoras vêm tentando derrubar barreiras que as atrapalham pelo fato de serem mulheres.

Palavras-chave: empreendedoras, ameaças, comportamento de superação, satisfação na família, satisfação no trabalho.

Abstract

Women face different barriers regarding their participation in entrepreneurship and this is one of the reasons to deepen the investigations and identify what are the types of threats and overcoming behaviors that can influence the satisfaction of female entrepreneurs in the environment in which they are inserted the purpose of the research. With a qualitative and exploratory approach, data collection was carried out through semi-structured interviews, in online mode. Thirty female entrepreneurs, owners of micro and small businesses from different fields, were interviewed. The results were categorized and content analysis was used to understand the phenomenon. The research made it possible to find justification in five factors: economic, social, business, political and academic, which were grouped into the dimensions: history of the enterprise, support, motivations, difficulties, feelings, achievements, influence of personal and management characteristics and characteristics of the field of business. These aspects made it possible to identify threats, but most of them revealed that emotional aspects are factors that influence satisfaction. The personal aspects showed that entrepreneurs realize the importance of persisting in the face of difficulties, knowing how to wait to resolve conflicts related to family and work. Entrepreneurs have been trying to break down barriers that hinder.

Keywords: entrepreneurs, threats, overcoming behavior, family satisfaction, job satisfaction.

As ameaças vivenciadas por mulheres empreendedoras e os comportamentos de superação na satisfação no trabalho e na família

Resumo:

As mulheres sofrem diferentes barreiras quanto a sua participação no empreendedorismo e esta é uma das razões de aprofundar as investigações e identificar quais são os tipos de ameaças e comportamentos de superação que podem influenciar a satisfação de empreendedoras no ambiente em que elas estão inseridas, sendo este o objetivo da pesquisa. Com abordagem qualitativa e exploratória, a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, na modalidade online. Foram entrevistadas 30 empreendedoras, proprietárias de micro e pequenos negócios de diferentes ramos. Os resultados foram categorizados e usou-se a análise de conteúdo para a compreensão do fenômeno. A pesquisa possibilitou encontrar justificativa em cinco fatores: econômico, social, negócio, político e acadêmico que foram agrupadas nas dimensões: histórico do empreendimento, apoio, motivações, dificuldades, sentimentos, realizações, influência das características pessoais e de gestão e características do ramo do negócio. Esses aspectos possibilitaram identificar as ameaças, mas boa parte deles revelaram que os aspectos emocionais são fatores influenciadores das satisfações. Os aspectos pessoais demonstraram que as empreendedoras percebem a importância de persistirem frente às dificuldades, saber esperar para solucionar conflitos relacionadas à família e ao trabalho. As empreendedoras vêm tentando derrubar barreiras que as atrapalham pelo fato de serem mulheres.

Palavras-chave: empreendedoras, ameaças, comportamento de superação, satisfação na família, satisfação no trabalho.

1. Introdução

As pesquisas na área de empreendedorismo vêm seguindo um percurso com diferentes caminhos. Alguns autores se preocuparam em discutir as controvérsias acadêmicas do conceito de empreendedor (Bygrave & Hofer, 1991), outros procuraram demonstrar a ausência de consenso das terminologias atribuídas a ele (Amit et al., 1993) e ainda, identificamos estudos que mostram as diferenças entre os empreendedores dos não empreendedores (Brush et al., 2002; Bygrave, 2011). Pesquisadores que se voltaram para os estudos do comportamento do empreendedor, o fazem distinguindo o empreendedor dos demais profissionais pelas características físicas e também pelos traços de personalidade, afirmando que o empreendedor apresenta um perfil psicológico especial e diferenciado (De Vries, 1977; Shane, 2000).

Outras pesquisas, segundo Shane (2000), deram atenção aos fatores demográficos como idade, raça e sexo, além de discutirem que as características psicológicas são menos relevantes em comparação com os fatores demográficos. Este autor afirma ainda que os pesquisadores que consideram os empreendedores como aqueles que têm personalidades diferentes e forma diferente de pensar, justificam esta constatação por meio de características alegando que eles são mais criativos, inovadores, otimistas.

Mas, identificar o empreendedor apenas pelas características físicas não é suficiente para entender este ator social. Assim, em 1988, Gartner publicou um artigo no *American Journal of Small Business* intitulado: “*Who is an Entrepreneur? Is the wrong question*” cujo intuito foi o de provocar uma mudança radical na direção das pesquisas sobre empreendedorismo, distanciando-se das proposições que tratavam dos traços de personalidade do empreendedor. Este autor desconstrói os pressupostos levantados até então, cujas definições levaram a um desentendimento sobre a natureza do fenômeno em estudo. Assim, ele propôs uma definição funcional sobre empreendedorismo relacionando-o à criação de novas empresas, que simplifica e operacionaliza os constructos de empreendedor e empreendedorismo como um facilitador para os estudos empíricos (Chrisman et al., 1990; Cooper et al., 1998; Gatewood et

al., 1995). Mas, pesquisadores contemporâneos (Biraglia & Kadile, 2017) ampliam estes conceitos, até então muito persistentes para explicar o fenômeno e explicam que a decisão de iniciar um empreendimento é um trabalho complexo e envolve fatores que são inter-relacionados e influenciados por aspectos internos e externos que podem ser impactados por circunstâncias ambientais. Outra questão em discussão é a de que empreendedorismo continua dominado por homens, mas a atividade empreendedora feminina tem aumentado em todo o mundo (Wu et al., 2019). A ampliação de pesquisas na área reforça a necessidade de novos estudos sobre ameaças (De Bruin et al., 2007; Roomi et al., 2018) e barreiras para empreender (Max & Ballereau, 2013) por elas enfrentadas e seus comportamentos de superação. Por essas reflexões, consideramos de grande importância estudar uma tipologia de ameaças e seus respectivos comportamentos de superação que influencia na satisfação de empreendedoras no contexto familiar e do trabalho, que por vezes impedem realizações profissionais que influenciam diretamente na (in) satisfação das empreendedoras. Outro aspecto a ser investigado remete para os dados demográficos, as características pessoais, perfil das empreendedoras e suas capacidades de lidar com as adversidades (Nassif et al., 2018), fatores que podem sobrepor às ameaças levando à (in) satisfação das empreendedoras.

2. Referencial Teórico

Pesquisas que investigam o empreendedorismo feito por mulheres tem crescido nas últimas décadas revelando ser uma alternativa para que empreendedoras alcancem independência financeira e sucesso profissional (Nassif et al., 2018). Houve ampliação no número de empresas criadas por mulheres, entretanto a participação delas na economia não está relacionada, diretamente, a uma atividade profissional formalizada pelos desafios e riscos do negócio, classificados como riscos comerciais, pessoal, financeiro, familiar, dentre outros. (Fabrício & Machado, 2013).

Os desafios de outras naturezas foram identificados por Martins et al. (2010), em estudo sobre o empreendedorismo feito por mulheres, e apontaram que há um embate no qual as mulheres precisam enfrentar um processo constante de construção e desconstrução na superação de preconceitos no cotidiano. O processo de construção é estruturado pelos aspectos interiorizados pela educação formal de comportamento existentes no mundo do trabalho, ou seja, o enorme desafio de reafirmar suas características femininas e absorver elementos caracterizados como masculinos. O processo de desconstrução é um desafio para superar o sentimento de culpa, que ora pode ser alimentado pela família ou por elas mesmas, quando consomem o tempo que deveria ser dedicado ao cumprimento dos papéis de mãe ou esposa.

Estes processos de construção e reconstrução presentes no empreendedorismo feminino, e são complexos porque são necessários para que a mulher se veja inserida no campo das representações sociais, e são estes fatores sociais que permitem a compreensão da realidade vivenciada por mulheres no âmbito do empreendedorismo (Cramer et al., 2001).

Compreender a importância do empreendedorismo praticado por mulheres é relevante pois, não trata-se simplesmente de analisar a participação da mulher no mundo do trabalho em busca de aumentar a renda familiar, mas sim de compreender a transformação social de grande proporção que envolve não apenas a vida da empreendedora, mas envolve todo o contexto social que se beneficia da prática empreendedora (Alperstedt et al., 2014).

Não obstante a contribuição da participação efetiva de mulheres no empreendedorismo, representar uma evolução econômica, cultural e social, muitos negócios não são bem-sucedidos e encerrados pouco tempo após serem iniciados. Os fatores que levam negócios a serem descontinuados é um tema recorrente nos estudos acadêmicos sobre pequenas empresas no Brasil (Minello & Scherer, 2014). Apesar deste interesse no tema, poucos estudos se concentram nas ameaças às quais estes negócios estão expostos e os fatores que levam

empreendedores, principalmente as mulheres, a superarem os desafios apresentados pelo ambiente e manter os seus negócios em atividade.

À luz dessa perspectiva, Strobino e Teixeira (2014) analisaram um importante dilema para entender o fenômeno da relação “trabalho-família”, que tem sido tema de interesse dos pesquisadores desde a década de 80. Esses autores ressaltaram em sua pesquisa que há necessidade constante de buscarem o equilíbrio do tempo na dedicação para o trabalho sem que haja conflito para se dedicarem à família. Os autores concordam que as escolhas realizadas são marcadas por pressões devido ao compartilhamento do tempo entre as atividades do trabalho e da família.

Sobre esse dilema, os estudos de Shelton (2006) apresentam ações para amenizar o conflito trabalho-família, como tarefas essenciais para manutenção da atividade empreendedora. A autora relatou que algumas empreendedoras optam por não terem filhos e não formarem família como estratégia de superação para eliminar o conflito trabalho-família. Outra alternativa visando reduzir tais conflitos, é a de optar por uma família pequena, terceirizando as tarefas familiares mediante profissionais capacitados, e por fim estratégias com objetivo de tentar compartilhar o conflito, delegando atividades do trabalho a pessoas competentes, por meio da gestão compartilhada, delegando as atividades domésticas a outros membros da família.

Nos estudo de Jonathan e da Silva, (2007), as situações de conflito vivenciadas por mulheres empreendedoras foram separadas em três categorias: conflitos no espaço do trabalho, entre demandas familiares e profissionais, entre demandas do trabalho e pessoais, e entre as principais estratégias de superação destas situações de conflito estão: auto-organização do tempo, estabelecimento de parcerias e cumplicidade, e uso de dispositivos de alívio e de tensão (Barbosa et al., 2021).

A literatura apresenta também, alguns indicativos, inclusive com pesquisas realizadas em empresas de alta tecnologia, que mulheres à frente de grandes empresas enfrentam desafios diferentes na gestão e elenca as características que impedem o desenvolvimento maior de empresas lideradas por mulheres, tais como: dificuldades na obtenção de recursos de instituições financeiras e investidores anjos; a percepção acerca do crescimento, pois empreendedoras sobrepõem a autorrealização ao crescimento financeiro (Bomfim & Teixeira, 2015; Lezana & Tonelli, 1998)), o medo do fracasso e a percepção de capacidades como os fatores socioculturais (Alperstedt et al., 2014), dificuldade para encontrar funcionários qualificados, falta de formação gerencial e de formação específica (Fabrício & Machado, 2013)

No que tange às condições vivenciadas por mulher, as pesquisas demonstram as dificuldades e os desafios enfrentados em seu contexto de trabalho e as dificuldades de aceitação (Machado, 2002); falta de apoio afetivo e social, (Carreira et al., 2001); conflito entre relação de trabalho e família (Marlow, 2020; Moore & Buttner, 1997; Rodriguez & Santos, 2009; Strobino & Teixeira, 2014), dificuldade de atuar no mercado internacional (Orser & Riding, 2000); dificuldades financeiras e ausência de mulheres empreendedoras que sirvam como modelo de referência (Filion, 1999; Wilkens, 1989) e falta de conhecimento e dedicação para conseguir o sucesso (Silveira et al., 2008).

O fato de ser mulher também foi relatado como um desafio em algumas pesquisas, cuja maior barreira que enfrentam é o preconceito por serem mulheres e empreenderem em ramos tidos como masculinos o que gera falta de credibilidade de outras pessoas (Alperstedt et al., 2014). E neste contexto de preconceito, desafios e superação, um elemento tem se destacado como estratégia de superação: a resiliência. Estudos estão sendo elaborados com o objetivo de compreender as nuances referentes ao comportamento de mulheres que decidem criar um novo negócio e como elas se utilizam da resiliência para superar os desafios enfrentados cotidianamente (Silva et al., 2019).

São poucos os estudos que apresentam as estratégias de superação adotadas por mulheres no empreendedorismo e constatam-se que a maior preocupação de muitos trabalhos foram as consequências da estrutura sexuada das organizações para as atividades empresariais, limitando assim o avanço das pesquisas na compreensão do fenômeno do empreendedorismo feito por mulheres (Gomes et al., 2014).

Assim, a participação de mulheres no empreendedorismo não tem sido tarefa fácil, pois enfrentam empecilhos majorados para ter acesso a fontes de financiamento, maior discriminação em processos sucessórios nas empresas familiares. Mas são relevantes fontes de estudos sobre o empreendedorismo, pois fornecem competências relevantes para a gestão dos negócios tais como: enfrentamento de riscos e incertezas do negócios, concorrência de responsabilidades e papéis, o uso das emoções em diversos cenários de atuação empreendedora, seja por necessidade ou oportunidade, além de representam a subjetividade do processo empreendedor, que se insere como elemento integrante da vida das pessoas, não podendo ser analisado como um fenômeno de existência própria (Ferreira & Nogueira, 2013).

Os aspectos emocionais estão presentes em diversos estudos, e duas categorias principais de análise: questões afetivas de alta intensidade e questões práticas relativas a finanças, clientes e gestão de pessoas, abordadas nos estudos de Nassif et al. (2011). Esses resultados apontaram que, principalmente, no Brasil a realidade vivenciada por empreendedoras estão permeadas por questões afetivas de alta intensidade emocional e questões práticas de gestão que se entrelaçam, e há dificuldades das empreendedoras em separar essas esferas no cotidiano, afetando tanto a vida pessoal como profissional.

A busca pelo desenvolvimento econômico, inovação e geração de valor para as atividades empreendedoras, em muitos casos, estão enraizados em ambientes de muito estresse, alta incidência de incerteza quanto aos resultados e diversos obstáculos (Silva et al., 2019). Essas dificuldades identificadas têm sido uma das justificativas da importância da resiliência como um dos comportamentos de superação de ameaças e conflitos para enfrentarem os desafios em seus negócios (Korber & McNaughton, 2017).

Falta na literatura uma melhor compreensão sobre quais comportamentos as empreendedoras precisam desenvolver para conseguirem superar tais desafios. Aly et al. (2021) sugerem que, além de se autoconhecerem, trabalharem suas emoções, as políticas de educação para o empreendedorismo e as ferramentas necessárias para aproveitar as oportunidades oferecidas podem propiciar boas contribuições, ao invés de se colocarem como vítima das ameaças e das dificuldades.

Pesquisa que chamam a atenção para a importância dos estados emocionais, perante os desafios vivenciados por empreendedores de maneira geral e, mais especificamente, mulheres que empreendem, vêm crescendo como podem ser observado nos estudos desses autores: Breugst et al., (2012); Cacciotti et al., (2020); Cardon et al., (2013); Cardon & Stevens, (2009); Foo, (2011); Shepherd et al., (2012); Stroe et al., (2020). Esses autores revelam a importância do empreendedorismo e que há necessidade de uma revisão sobre as condições de atuação desses atores, alguns enfatizam mais o empreendedorismo feito por mulheres, considerando a indissociabilidade entre os aspectos afetivos e cognitivos para que, de fato, ocorra um transformação da cultura social, no sentido de sobrepôr os preconceitos, além dos aspectos que caracterizam o patriarcado e que dificultam a efetiva inclusão das mulheres no empreendedorismo. Somente assim, será possível o enfrentamento das ameaças que empreendedoras vivenciam para desenvolverem comportamentos de superação e buscarem satisfação no trabalho e na família.

Este quadro demonstra que ainda há um longo percurso para que o campo do empreendedorismo, especialmente focado em empreendedoras, se fortaleça, trazendo alternativas com ações educacionais inovadoras, assim como políticas públicas que possam contribuir para a superação e enfrentamento do contextos desafiadores enfrentados por

mulheres no contexto de trabalho. Assim, faz-se necessário maior investimento em pesquisas multidisciplinares e também translacional, que envolvam aplicações que vão desde o direito à liderança, contabilidade, planejamento, operações, estratégia, educação, políticas e, inclusive clínicas para melhorar a saúde emocional de empreendedores, com atenção especial às mulheres que empreendem (Aly et al., 2021).

3. Procedimentos Metodológicos

A pesquisa tem uma abordagem qualitativa e exploratória. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturadas e online (em virtude da pandemia Covid-19) no período de novembro/2020 a março/2021. Foram entrevistadas 30 empreendedoras, situadas na cidade de São Paulo, proprietárias de micro e pequenos negócios de diferentes ramos.

A escolha das empreendedoras seguiu os seguintes critérios: (1) proprietárias de micro e pequenos negócios, conforme a classificação do IBGE e utilizada pelo Sebrae - quanto ao número de empregados – de 2 a 49 empregados. (2) jovens e seniores, independente da faixa-etária; (3) empresas do setor alimentício, bares ou restaurantes. Empresas nestes setores estão na fase final do fluxo da cadeia de valor, ou seja, de venda direta ao consumidor, facilitando a sua identificação e acesso. (3) empreendedoras que aceitem participar da pesquisa, compartilhando suas experiências explicando suas ameaças e dificuldades manifestas frente às situações adversas. Acessibilidade que facilitou o contato e a permissividade para a coleta de dados, visando o desenvolvimento da pesquisa.

A análise dos dados foi alicerçada em uma abordagem interpretativista (Gibbs, 2009), permitindo às entrevistadas relatos sobre: (a) suas experiências; (b) como reagem, se mais emocionais ou usando a razão; (c) se a localidade, ramo de atividade, situação socioeconômica e cultural do ambiente impulsiona mais os aspectos afetivos ou cognitivos; (d) conhecer as ações e reações frente às adversidades, relatando suas dificuldades e os obstáculos. A opção por uma análise temática prevê que o foco está na descoberta de núcleos de sentido que compõe a comunicação que a unidade de dado que irá contemplar o estudo pode ser construída *a priori* ou *a posteriori* (Bardin, 2016; Flores, 1994). Neste caso, a opção foi a de apresentar uma unidade *a posteriori*, de acordo com o marco teórico e conceitual escolhido, motivado pela escassez de estudos na área.

Os dados foram imputados em uma planilha de Excel e codificados, de acordo com as principais narrativas que emergiram das entrevistadas. Os resultados foram analisados por meio da Análise de Conteúdo, que segundo Flores (1994), cada categoria pode referir-se a situações e contextos, atividades e acontecimentos, relações entre pessoas, comportamentos, opiniões, perspectivas sobre um problema, métodos e processos. A Tabela 1 apresenta o modelo de análise seguido.

Tabela 1. Categorias Analíticas e Elementos de Análise

Questões de Pesquisa	Categoria Analítica	Elementos de Análise
O que a literatura traz sobre os tipos de ameaças que envolvem o trabalho de mulheres empreendedoras, jovens e seniores?	Base de conhecimento sobre os constructos.	- Tipos de pesquisa – qualitativas ou quantitativas. - Se as ameaças envolver mais os aspectos afetivos/emocionais ou cognitivos e o papel do trabalho e da família.
Qual é o nível de satisfação dessas empreendedoras no trabalho e na família?	Mapear as características	- Tipos de perfis e mapeamento das ameaças

	peçoais, profissionais e sentimentos	
Quais são os tipos de ameaças que fazem parte do cotidiano das empreendedoras e como reagem frente aos negócios.	Ameaças emocionais, nos negócios e na família.	- Identifica as ameaças vivenciada pelas empreendedoras a partir dos relatos de suas experiências.
Framework das ameaças e os comportamentos de superação considerando a satisfação frente aos aspectos que envolvem o trabalho e a família.	Categorias emocionais e cognitivas, satisfação, trabalho e família.	- ações e reações, cognitivas e afetivas/emocionais frente às ameaças.

Fonte: Elaborado pelos autores

4. Resultados

Para contextualizar esta pesquisa, inicialmente, destaca-se alguns resultados sociodemográficos importantes. Dentre as 30 mulheres entrevistadas, a área de atuação com maior índice foi a do gênero alimentício (10), seguida pelo ramo de vendas (4), principalmente com revenda de algum produto de saúde e beleza. A Figura 1 apresenta o quadro completo das áreas de atuação.

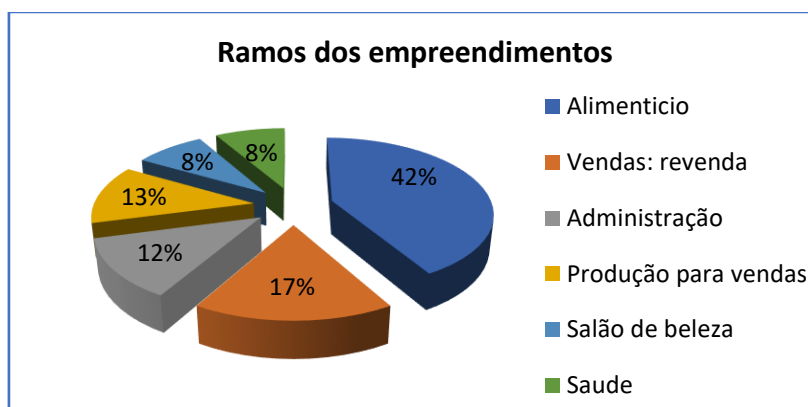


Figura 1. Área de Atuação das entrevistadas

Fonte: Elaborado pelos autores.

A Figura 2 demonstra a idade média das empreendedoras participantes da pesquisa.

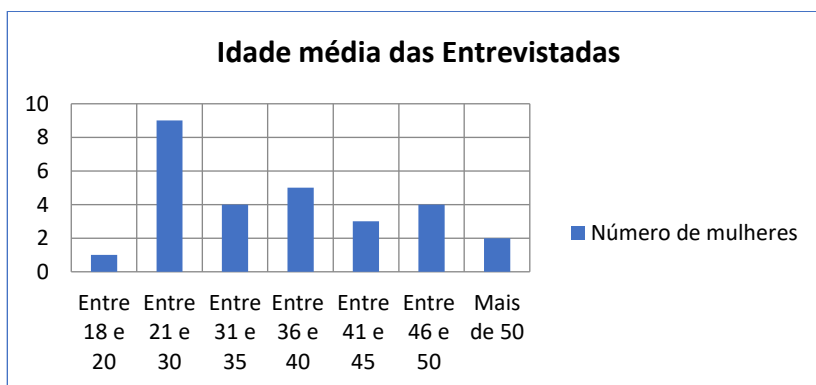


Figura 2. Idade média das Entrevistadas

Fonte: Elaborado pelos autores.

Quanto ao estado civil, a seguinte representatividade foi encontrada: amasiadas 13,2%, divorciadas 16,5%, casadas 49,5% e solteiras completando os 19,8% da amostra. O resultado sobre a média do número de filhos entre as entrevistadas revelou que 30% não tiveram filhos, 27% têm um filho, outros 27% têm dois filhos e 3% e 13% tiveram três e quatro filhos, respectivamente.

No quesito escolaridade, um dado muito importante é ressaltado aqui nesta amostra: 46,2% possuem ensino superior, os dados completos estão representados na Figura 3.

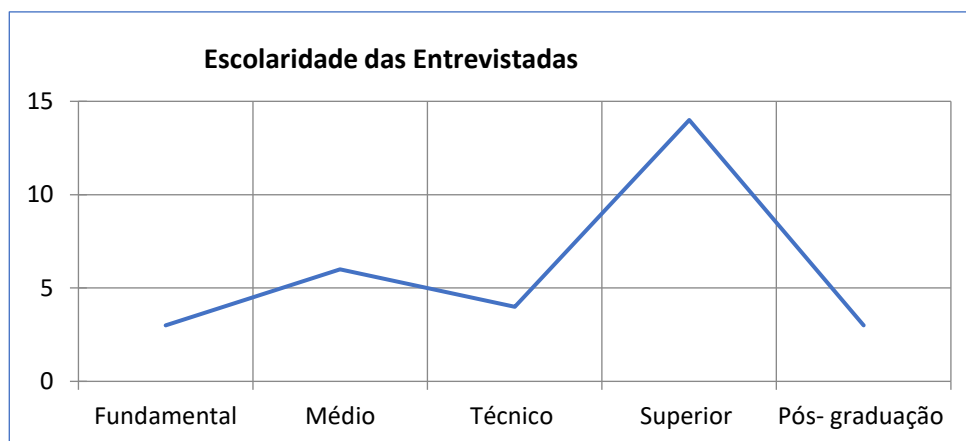


Figura 3. Nível de Escolaridade das Entrevistadas
Fonte: Elaborado pelos autores.

A seguir, serão apresentadas as discussões a partir dos relatos e dialogados com a teoria das empreendedoras entrevistadas.

5. Discussão

5.1 Dificuldades enfrentadas pelas empreendedoras

Um ponto comum identificado nos estudos de empreendedorismo é a de pensar em desistir do seu empreendimento, por motivos financeiros, falta de apoio, falta de tempo, cansaço, e diversos outros fatores. As dificuldades enfrentadas vão desde barreiras associadas ao gênero ou questões financeiras, até conflitos pessoais e dificuldade em conciliar o trabalho e a família (Marlow, 2020; Moore & Buttner, 1997; Rodriguez & Santos, 2009). O estudo procurou, através da entrevista, identificar se as empreendedoras já pensaram em desistir e os motivos que as levariam à desistência. A Tabela 2 apresenta um resumo dos achados e alguns fragmentos que ilustram tais respostas.

Tabela 2. Principais Dificuldades Enfrentadas pelas Empreendedoras Entrevistadas

DIFICULDADES	OBSERVAÇÕES
<ul style="list-style-type: none"> • Conciliação da vida pessoal, familiar e profissional • Preconceito • Assédio • Machismo • Gênero • Etnia • Falta de valorização • Aspectos legais da profissão 	<p>Se apoiam em sentimentos de conquista do negócio e o apoio da família, que as inspiram a continuar suas atividades.</p>

Fonte: Elaborado pelos autores

Uma grande resiliência por parte delas fica evidenciado na fala a seguir:

“[...] eu tive bastante conflito referente a isso, meu marido é meu sócio, e ele queria trazer um estilo de roupa e eu queria outro, e começamos a ter atrito referente a isso, depois fomos entrando em acordo e fomos nos organizando, mas no primeiro momento eu pensei em desistir.” (E2)

Das 30 entrevistadas, algumas alegaram nunca ter pensado em desistir por conta de problemas familiares e e outras apresentaram outros motivos para desistir:

“Nunca pensei em desistir, muito pelo contrário, isso me distraí, me ajuda psicologicamente a manter meu foco.” (E17)

“Nunca pensei em desistir por conta de problemas familiares, até por que eles me apoiam, mas já pensei em desistir na questão de produtos, trabalho de mais e o retorno é pouco, pela pandemia também (fases restritivas da quarentena)”. (E15)

Outro fator analisado foi se a empreendedora já sentiu empecilhos na sua atuação considerando o fato de ser mulher, se já chegou a sofrer ameaças, episódios de assédios e/ou preconceito. A maioria respondeu que não vivenciaram essas situações específicas, mas duas entrevistadas falaram suas visões sobre o mercado em que atuam:

“Não, ameaças não. No início senti alguns julgamentos, como se não fosse capaz.” (E10)

“[...] os concorrentes, não ameaçaram, mas percebemos que tem boicote, quando colocamos promoção em meu produto, ele vendo o destaque, coloca o preço bem abaixo sabendo eu o preço de custo. Já chegaram colocar a preço de custo, mas o cliente não sabe se é a preço de custo, apenas pensa que o preço dele está melhor.” (E9)

Outro ponto que a pesquisa buscou estudar foi se as ameaças, dificuldades, empecilhos eram normais do negócio ou apenas pelo fato de serem mulheres, e as respostas abaixo ilustram o contexto.

“[...] Eu acho que eles mandam isso (propostas mais baratas) me zoando, porque não trocariam, mas não tem nada a ver com a questão de ser mulher.” (E29)

“Sim, e falavam ainda “Ah, é mulher por isso que não sabe fazer”, “É mulher”, usando até essas frases, “Não, a grande maioria era isso (o fato de ser mulher), acho que mulher, negra também, entra tudo em um pacote só.” (E22)

“Não poder expor no meio dos outros artesãos, porque eu estava sem meu companheiro. Me senti inútil, como se não valesse de nada meu trabalho se não estivesse com um marido ao meu lado.” (E11)

A pesquisa procurou identificar se as empreendedoras sofreram interrupções durante o trabalho, devido à dupla jornada, cuidados com a casa e família, realizar atividades fora do lar para resolverem situações de trabalho e são características típicas da mulher contemporânea (Jonathan, 2011). Algumas narrativas explicam esse contexto.

“Seria agora em questão da pandemia, porque determinado decreto, o cliente fica impossibilitado e a gente também, então a gente não pode estar fazendo o evento, eu trabalho com pagamento antecipado, então se o cliente não me paga, não vai ter o evento, essas são as interrupções maiores que acontecem.” (E26)

A pesquisa também buscou analisar como era a relação das empreendedoras frente às interferências com aspectos legais e foi possível constatar que algumas situações:

“Depende de onde eu estou atuando, porque é muito relativo, um exemplo quando você está com um restaurante o buffet sofre porque aí você tem que seguir todas as normas, agora quando é o formato que eu trabalho não passa por problemas, porque é na casa do cliente, então eu faço a produção toda como se eu fosse um empregado dela, a diferença é que a gente cuida de mais pessoas ao invés da empregada dela, tipo isso.” (E25)

“Sim, eu estou tentando regularizar tudo, não vou ser hipócrita, não é tudo certo, porque é muito difícil, comecei com o CNPJ, e agora a gente está tentando estudar,

eu tenho um amigo contador e ele a partir de janeiro do ano que vem ele vai começar a me ajudar nessa questão, organizar tudo certinho.” (E22).

Esses resultados evidenciaram algumas das dificuldades vivenciadas por mulheres que empreendem corroborando as pesquisas de autores como Nassif et al., (2018), Martins et al., (2010), Cramer et al., (2001) e Alperstedt et al., (2014).

5.2 Aspectos motivacionais e realizações no trabalho/família

Vários motivos levam os negócios empreendedores a serem descontinuados (Minello & Scherer, 2014), tais como a falta de apoio familiar, conflitos no ambiente de trabalho (Strobino & Teixeira, 2014) e ausência de mulheres empreendedoras que sirvam como modelo de referência (Filion, 1999; Wilkens, 1989). Por outro lado há motivos que estimulam mulheres a empreenderem, como a necessidade de autorrealização, a conscientização de suas limitações que estimulam novas habilidades, assim como a busca por novos conhecimentos (Lezana & Tonelli, 1998).

Às empreendedoras deste estudo perguntou-se o que as levaram a empreender, situações que antecederam e aconteceram durante o desenvolvimento. Os principais indicadores foram agrupados na Tabela 3.

Tabela 3. Indicadores Motivacionais e Tipos de Apoio Recebidos

MOTIVADORES	TIPOS DE APOIO	OBSERVAÇÃO
<ul style="list-style-type: none">• Sentimentos de conquista• Liberdade para empreender• Manutenção da família• Oportunidade	<ul style="list-style-type: none">• Emocionais• Operacional• Financeiro	Mesmo com relações conflituosas, reagem quando contam com ajuda de familiares, dividindo as tarefas domésticas e do trabalho.

Fonte: Elaborado pelos autores

Em alguns casos relatados pelas empreendedoras foi possível sentir a visão que essas mulheres têm referente às necessidades relacionadas aos seus clientes e aproveitando uma oportunidade de negócios, entrando no mercado com um diferencial em relação aos concorrentes, como a fala a seguir descreve:

“O meu negócio surgiu a partir de um trabalho que eu já desenvolvia sendo enfermeira, trabalhando em área hospitalar e fazendo visitas domiciliares, eu percebi que a grande carência no tipo de mercado, no tipo de trabalho que eu fazia, era voltado para o idoso, nas próprias residências a gente via carência, da família, a dificuldade da família de cuidar do seu idoso, e foi ai que surgiu a ideia de montar uma casa de repouso, [...] meu esposo me incentivou, me ajudou, e foi assim que eu abri a casa de repouso dos meus sonhos.” (E1)

Em outros casos vemos algo que um dia foi um projeto de conclusão do curso, se tornando a cada dia uma empresa que domina mais espaço no mercado, como a fala a seguir deixa claro:

“Eu trabalhei 5 anos em um restaurante de classe alta, e enquanto eu ainda estava trabalhando eu fiz um curso técnico de administração e lá no curso a gente tinha que apresentar um TCC, foi quando a gente montou uma confeitaria e daí nasceu a ideia.” (E22)

Moore e Buttner (1997) apontam a influência da família na decisão de empreender como um dos fatores mais fortes para a tomada dessa decisão. Entrevistadas deste estudo, apesar de serem apoiadas pela família em alguns fatores, acabaram tendo relações conflituosas em alguns momentos conforme as falas a seguir.

“[...] Me estimulam a continuar o meu negócio, muitas vezes estimulam a ampliar também a rede do meu trabalho, no caso a minha clínica, hoje em dia a maioria apoia muito o meu negócio, minha família tem muito orgulho.” (E13)

“Teve alguns momentos que estremeceu (a relação) por conta que agora eu não era mais a (nome); irmã, prima ou tia, era a (nome) chefe.” (E26)

De acordo com Lezana e Tonelli (1998), a necessidade de autorrealização do empreendedor é o motor do crescimento, pois permite que ele maximize seu potencial na tentativa de superar os próprios limites.

5.3 Sentimentos

Sob o ponto de vista empresarial, Casado (2002) afirma que as organizações estão expostas às mudanças que influenciam seu comportamento no mercado, bem como às ações e percepções das pessoas que as compõem. A pesquisa buscou conhecer os sentimentos que as empreendedoras vivenciaram em diversos momentos de suas carreiras, principalmente momentos considerados extremamente difíceis e sentimentos como raiva ou insatisfação que mais se afloraram.

Para melhor compreender esses sentimentos, inicialmente foi possível sondar como era o mercado ao qual a empreendedora estava exposta, o ramo de negócios de atuação, se as pessoas que empreendiam nesse ramo se tratavam mais de mulheres ou de homens.

“Mais homens. Alguns são muito machistas, eles acabam fazendo piadinhas bem sem graça. Mas tudo isso depende de uma postura nossa né, tudo isso dependeu de uma postura minha, muito mais minha do que deles. Como eu vou reagir à primeira piada, como vou impor os meus limites, qual vai ser a minha postura dentro daquela situação toda, então a partir do momento que a gente acaba impondo certo respeito e acaba tendo uma postura diferente, eles acabam entendendo que é um companheiro de trabalho, então acabam respeitando um pouquinho mais, mas sem dúvida nenhuma representação comercial ainda é muito mais do homem do que da mulher.” (E28).

A pesquisa buscou saber qual era o maior medo ou receio que as empreendedoras enfrentavam no seu cotidiano, já que o contexto de quem empreende é muito volátil como a entrada no mercado, qualidade de produto, visão do cliente sobre custo-benefício. Nessa perspectiva, foi importante saber qual o sentimento principal enfrentado em momentos que elas consideravam difíceis e se mantiveram estáveis frente a uma situação de estresse. Os sentimentos a momentos difíceis que mais afloraram das respostas estão na Figura 4.

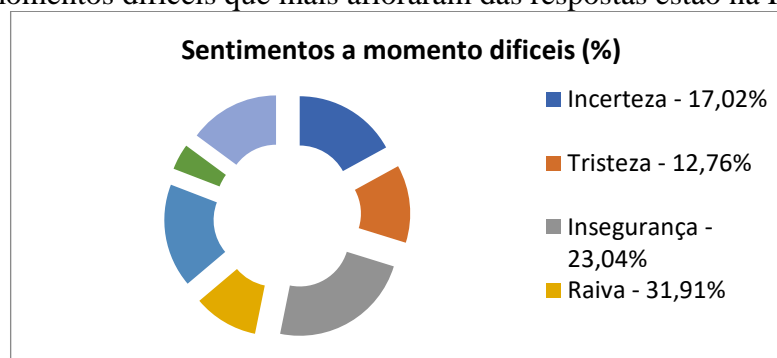


Figura 4. Sentimentos a Momentos Difíceis
Fonte: Elaborados pelos autores

Ainda na mesma pergunta foi questionado se empreender no Brasil e frente aos problemas enfrentados por cada uma individualmente, se elas consideravam que valia a pena,

e a resposta foi unanime ao relataram que valia a pena continuar com seus empreendimentos, porque apesar dos desgastes em alguns pontos, ainda era muito benéfico.

O sentimento mais presente frente a demonstração de apoio emocional ou operacional está demonstrado na Figura 5.



Figura 5. Sentimentos Advindos do Apoio

Fonte: Elaborado pelos autores

A maioria das empreendedoras relataram terem sentimentos positivos durante ou após uma demonstração de apoio. Esses dados revelam a importância de se sentirem reconhecidas (Nassif et al., 2018) de terem apoio afetivo e social, (Carreira et al., 2001), além de receberem apoio de ordem operacional, como financeiro e ajuda no cotidiano (Filion, 1999; Wilkens, 1989)

Houve também relatos de insatisfações como a falta de organização, equilíbrio entre vida pessoal ou profissional (Strobino e Teixeira, 2014), desvalorização do trabalho que exercem por parte de clientes e familiares, além de sentimentos próprios de que poderiam ter alcançado algo maior ou ter crescido mais em relação ao alcance de metas as quais estabeleceram (De Bruin, et al., 2007).

6. Considerações Finais

As empreendedoras vêm tentando derrubar barreiras que as atrapalham pelo fato de serem mulheres, estereótipos estes que foram socialmente construídos (Cramer et al., 2001). Para alcançar equilíbrio entre a vida profissional e pessoal, as empreendedoras buscam um elo de controle entre ambos (Strobino & Teixeira, 2014). O autoconhecimento, a conscientização de suas necessidades, suas ações e desejos fazem com que o indivíduo consiga alcançar os objetivos, elevando suas capacidades motivacionais (Lezana & Tonelli, 1998), necessárias no empreendedorismo.

Os sentimentos negativos impedem as realizações, principalmente quando a pessoa tem prazer e gosta do que faz (Cardon et al., 2009), no entanto, este estudo aponta para respostas contrárias identificadas na literatura. Importante ressaltar que diferentes culturas, contextos apresentam suas especificidades e, nesse caso, alguns sentimentos negativos observados no grupo de mulheres empreendedoras objeto deste estudo, funcionaram como aspectos motivadores frente às situações de incertezas.

Essa pesquisa traz importantes contribuições ao abrir espaço para refletir (in)satisfações, conflitos de gênero e questões de patriarcado, por serem mulheres empreendedoras. Essas contribuições centram-se na perspectiva de cinco fatores identificados na literatura, quais sejam: econômico, social, negócio, político e acadêmico. Com relação ao fator **econômico**, observamos que as mulheres vêm exercendo um importante papel e posição no mercado de trabalho, visto como fator-chave para a competitividade, principalmente dos pequenos negócios (De Bruin et al., 2007). Ainda sob a lente econômica, encontramos o estudo de Giotopoulos et al. (2017), que investigaram os antecedentes do empreendedorismo de alta qualidade nos países

européus, antes e depois da crise financeira de 2008 e constataram a força das mulheres empreendedoras no período de crise, mesmo vivenciando situações adversas.

No que tange aos aspectos **sociais**, é *mister* observar a influência das mulheres em diferentes frentes de atividade, não obstante seus temores e medos que, para Camargo et al. (2018), são sentimentos presente no processo empreendedor entre as mulheres, voltados ao futuro do empreendimento. Esses autores abordam também receios voltados para o setor de atuação, aspectos financeiros, dentre outros que remetem à instabilidade econômica do país. Ali e Shabir (2017) pontuaram as dificuldades relacionadas ao gênero, afirmando que os homens percebem como obstáculos os aspectos voltados às áreas **funcionais**, enquanto as mulheres identificam como obstáculos os aspectos de caráter socioeconômico provenientes do contexto social abrangendo as questões de preconceitos, assédio dentre outros.

Do ponto de vista **político**, o entendimento acerca das diferenças e cisões em relação aos benefícios conquistados por homens em detrimento às mulheres, Natividade (2009) ressalta a importância de implementar políticas públicas que tenham reflexo nos negócios por mulheres cuja perspectiva é a de concebê-las como agentes de transformação e progresso na economia brasileira. Não obstante esses pontos terem relevância, tornando relevante o papel da mulher no contexto social e do trabalho, Carvalho (2017) investigou os benefícios e as experiências de empreendedorismo fomentadas a partir da implantação do Programa Trabalho e Empreendedorismo da Mulher no Estado de Pernambuco. Os achados da pesquisa evidenciaram que, por mais benefícios que o programa tivesse oferecido, há desafios e obstáculos para praticar as ações visando o fortalecimento do papel da mulher no contexto de trabalho, ressaltando que as políticas estão sujeitas a distorções, havendo a necessidade de ajuste durante todo o processo para que a integração e a interação entre os sujeitos tragam a efetividade esperada.

Quanto aos **negócios** de mulheres empreendedoras, Bertolami et al. (2018), discutem a sobrevivência de empresas nascentes e a influência do capital humano, social, práticas gerenciais e gênero, sugerindo que as mulheres demandam maior esforço em comparação aos homens, como fatores compensatórios para sobrepor as barreiras enfrentadas, necessitando de maior atenção aos aspectos que envolvem o capital humano e social, sobretudo no quesito de adoção de melhores práticas gerenciais para sobreviverem em seus negócios. Outras ameaças que afetam os negócios foram discutidas por Church e Truitt (2017). Esses autores elencam dificuldades como as falhas de fornecedores e dados, desconhecimento do ambiente, falta de profissionais capacitados, políticas públicas inadequadas, prática de corrupção, crise econômica, excesso de autoconfiança, falta de acesso a capital, dificuldades de acesso a crédito, falta de funcionários qualificados e baixa disponibilidade de serviços de suporte.

Os fatores acima relacionados, econômico, social, político e dos negócios têm impacto direto no trabalho e, por conseguinte, na família, como destacam Padovez-Cualheta et al. (2019), ao mencionarem que a satisfação no trabalho é uma dimensão central na vida dos indivíduos, dada a quantidade de tempo e energia investidos nele e sua importância como fator gerador de relacionamentos social. E, por fim, mas não menos importante, do ponto de vista **acadêmico**, embora a revisão da literatura tenha apontado um crescimento de estudos sobre mulheres nas atividades profissionais, revela a escassez de pesquisas que contempla ameaças vivenciadas por mulheres frente aos seus negócios, havendo a necessidade de entender os aspectos afetivos emocionais, mas também as cognições que permeiam o fazer empreendedor das mulheres atuantes em seu negócios (Nassif et al., 2018). As limitações dessa pesquisa centram-se nas questões contextuais e culturais, dada as especificidades inerentes ao empreendedorismo feito por mulheres, havendo a necessidade de ampliar os estudos, cujas pesquisas futuras podem enveredar para o aprofundamento dos sentimentos, emoções frente às ameaças, dificuldades e obstáculos vivenciados por mulheres empreendedoras.

Referências:

- Ali, J., & Shabir, S. (2017). Does gender make a difference in business performance? Evidence from a large enterprise survey data of India. *Gender in Management: An International Journal*.
- Alperstedt, G. D., Ferreira, J. B., & Serafim, M. C. (2014). Empreendedorismo Feminino: Dificuldades relatadas em histórias de vida. *Revista de Ciências da Administração*, 221–234. <https://doi.org/10.5007/2175-8077.2014v16n40p221>
- Aly, M., Audretsch, D. B., & Grimm, H. (2021). Emotional skills for entrepreneurial success: The promise of entrepreneurship education and policy. *The Journal of Technology Transfer*, 46(5), 1611–1629. <https://doi.org/10.1007/s10961-021-09866-1>
- Amit, R., Glosten, L., & Muller, E. (1993). Challenges to theory development in entrepreneurship research. *Journal of Management studies*, 30(5), 815–834.
- Barbosa, H. M. A., Neto, M. P. da R., Júnior, S. L. C., & Silva, P. M. M. da. (2021). Gerenciando o conflito trabalho-família no empreendedorismo feminino: Evidências de um estudo com microempreendedoras individuais. *Revista de Gestão e Secretariado*, 12(2), 94–121. <https://doi.org/10.7769/gesec.v12i2.1123>
- Bardin, L. (2016). *Análise de conteúdo (Edição revista e atualizada)* (1a.). Edições 70.
- Bertolami, M., Artes, R., Gonçalves, P. J., Hashimoto, M., & Lazzarini, S. G. (2018). Sobrevivência de Empresas Nascentes: Influência do Capital Humano, Social, Práticas Gerenciais e Gênero. *Revista de Administração Contemporânea*, 22, 311–335.
- Biraglia, A., & Kadile, V. (2017). The role of entrepreneurial passion and creativity in developing entrepreneurial intentions: Insights from American homebrewers. *Journal of small business management*, 55(1), 170–188.
- Bomfim, L. C. S., & Teixeira, R. M. (2015). Empreendedorismo feminino: Desafios enfrentados por empreendedoras na gestão de pequenos negócios no setor de turismo. *Revista Pensamento Contemporâneo em Administração*, 9(2), 48–69. <https://doi.org/10.12712/rpca.v9i2.530>
- Breugst, N., Domurath, A., Patzelt, H., & Klaukien, A. (2012). Percepções de paixão empreendedora e compromisso dos funcionários com empreendimentos empreendedores. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 36(1), 171–192. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2011.00491.x>
- Brush, C. G., Carter, N. M., Greene, P. G., Hart, M. M., & Gatewood, E. (2002). The role of social capital and gender in linking financial suppliers and entrepreneurial firms: A framework for future research. *Venture Capital: An international journal of entrepreneurial finance*, 4(4), 305–323.
- Bygrave, W. D. (2011). The entrepreneurial process. In *The portable MBA in entrepreneurship*.
- Bygrave, W. D., & Hofer, C. (1991). *Theorizing about entrepreneurship Entrepreneurship Theory and Practice, winter*.
- Cacciotti, G., Hayton, J. C., Mitchell, J. R., & Allen, D. G. (2020). Entrepreneurial fear of failure: Scale development and validation. In *JOURNAL OF BUSINESS VENTURING* (Vol. 35, Número 5). ELSEVIER. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2020.106041>
- Camargo, R. A. M. M. de, Lourenço, M. L., & Ferreira, J. M. (2018). Mulheres empreendedoras no Brasil: Quais seus medos? *Revista Brasileira de Gestão de Negócios*, 20, 178–193.
- Cardon, M. S., Gregoire, D. A., Stevens, C. E., & Patel, P. C. (2013). Measuring entrepreneurial passion: Conceptual foundations and scale validation. *Journal of Business Venturing*, 28(3), 373–396. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2012.03.003>
- Cardon, M. S., & Stevens, C. E. (2009). The discriminant validity of entrepreneurial passion. *Academy of Management 2009 Annual Meeting: Green Management Matters, AOM 2009*. <https://doi.org/10.5465/ambpp.2009.44244277>

- Cardon, M. S., Wincent, J., Singh, J., & Drnovsek, M. (2009). The nature and experience of entrepreneurial passion. *Academy of management Review*, 34(3), 511–532.
- Carreira, D., Ajamil, M., & Moreira, T. (2001). *A liderança feminina no século 21: Mudando o mundo*. Cortez Editora.
- Carvalho, G. C. (2017). Políticas públicas, gênero e empreendedorismo: Uma análise do Programa Nacional Trabalho e Empreendedorismo da Mulher em Pernambuco. *Acta Scientiarum. Human and Social Sciences*, 39(1), 11–18.
- Casado, T. (2002). O comportamento das pessoas na organização. In: As pessoas na organização. *Editora Gente, 6a edição*, 235–246.
- Chrisman, J. J., Carsrud, A. L., DeCastro, J., & Herron, L. (1990). A comparison of assistance needs of male and female pre-venture entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 5(4), 235–248.
- Church, M. A., & Truitt, T. (2017). Brazilian women entrepreneurs: Exploring sustainability as a strategy for developing resilient business organizations. *Small Business Institute Journal*, 13(1), 30–56.
- Cooper, A., Ramachandran, M., & Schoorman, D. (1998). Time allocation patterns of craftsmen and administrative entrepreneurs: Implications for financial performance. *Entrepreneurship theory and practice*, 22(2), 123–136.
- Cramer, L., Cappelle, M. C. A., & Silva, A. L. (2001). A inserção da mulher no mundo dos negócios: Construindo uma identidade. *Anais do Congresso de Ciências Humanas, Letras e Artes*.
- De Bruin, A., Brush, C. G., & Welter, F. (2007). Advancing a framework for coherent research on women's entrepreneurship. *Entrepreneurship theory and practice*, 31(3), 323–339.
- De Vries, M. K. (1977). The entrepreneurial personality: A person at the crossroads. *Journal of management studies*, 14(1), 34–57.
- Fabício, J. S., & Machado, H. V. (2013). Dificuldades para criação de negócios: Um estudo com mulheres empreendedoras no setor do vestuário. *Gestão & Planejamento-G&P*, 13(3).
- Ferreira, J. M., & Nogueira, E. E. S. (2013). Mulheres e suas histórias: Razão, sensibilidade e subjetividade no empreendedorismo feminino. *Revista de Administração Contemporânea*, 17, 398–417. <https://doi.org/10.1590/S1415-65552013000400002>
- Filion, L. J. (1999). Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. *Revista de administração*, 34(2), 5–28.
- Flores, J. G. (1994). *Análisis de datos cualitativos: Aplicaciones a la investigación educativa* [PhD Thesis]. Universidad de Sevilla, Facultad de Filosofía y Ciencias de la Educación.
- Foo, M. (2011). Avaliação de Emoções e Oportunidades Empresariais. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 35(2), 375–393. <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2009.00357.x>
- Gartner, W. B. (1988). “Who is an entrepreneur?” is the wrong question. *American journal of small business*, 12(4), 11–32.
- Gatewood, E. J., Shaver, K. G., & Gartner, W. B. (1995). A longitudinal study of cognitive factors influencing start-up behaviors and success at venture creation. *Journal of business venturing*, 10(5), 371–391.
- Gibbs, G. (2009). *Análise de dados qualitativos: Coleção pesquisa qualitativa*. Bookman Editora.
- Giotopoulos, I., Kontolaimou, A., & Tsakanikas, A. (2017). Drivers of high-quality entrepreneurship: What changes did the crisis bring about? *Small Business Economics*, 913–930.

- Gomes, A. F., Santana, W. G. P., Araújo, U. P., & Fontes-Martins, C. M. (2014). Empreendedorismo Feminino como Sujeito de Pesquisa. *Review of Business Management*, 319–342. <https://doi.org/10.7819/rbgn.v16i51.1508>
- Jonathan, E. G. (2011). Mulheres empreendedoras: O desafio da escolha do empreendedorismo e o exercício do poder. *Psicologia Clínica*, 23, 65–85.
- Jonathan, E. G., & da Silva, T. M. (2007). Empreendedorismo feminino: Tecendo a trama de demandas conflitantes. *Psicologia & Sociedade*, 19, 77–84.
- Korber, S., & McNaughton, R. B. (2017). Resilience and entrepreneurship: A systematic literature review. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 24(7), 1129–1154. <https://doi.org/10.1108/IJEBR-10-2016-0356>
- Lezana, A. G. R., & Tonelli, A. (1998). O comportamento do empreendedor. In: MORI, F. *Empreender: Identificando, avaliando e planejando um novo negócio*. UFSC. *ENE*.
- Machado, H. V. (2002). *Identidade empreendedora de mulheres no Paraná*.
- Marlow, S. (2020). Gender and entrepreneurship: Past achievements and future possibilities. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*. <https://doi.org/10.1108/IJGE-05-2019-0090>
- Martins, C. B., Crnkovic, L. H., Pizzinatto, N. K., & Maccari, E. A. (2010). Empreendedorismo feminino: Características e perfil de gestão em pequenas e médias empresas. *Revista de Administração da Universidade Federal de Santa Maria*, 3(2), 288–302.
- Max, S., & Ballereau, V. (2013). Theorizing about gender and entrepreneurship: Bridging the gap with social psychology. *International Journal of Gender and entrepreneurship*.
- Minello, I. F., & Scherer, I. B. (2014). Características resilientes do empreendedor associadas ao insucesso empresarial. *Revista de Ciências da Administração*, 228–245.
- Moore, D. P., & Buttner, E. H. (1997). *Women entrepreneurs: Moving beyond the glass ceiling*. SAGE Publications, Incorporated.
- Nassif, V. M. J., Andreassi, T., & Simões, F. (2011). Competências empreendedoras: Há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores? *RAI Revista de Administração e Inovação*, 8(3), 33–54.
- Nassif, V. M. J., Leão, A. L. D. B. C., & Garçon, M. M. (2018). O Afetivo e o Cognitivo de Mãos Dadas: Uma avaliação das ameaças e comportamentos de superação no empreendedorismo por mulheres. *Anais do SEMEAD*. SEMEAD, 2018, São Paulo-SP.
- Natividade, D. R. da. (2009). Empreendedorismo feminino no Brasil: Políticas públicas sob análise. *Revista de Administração Pública*, 43(1), 231–256.
- Orser, B. J., & Riding, A. L. (2000). An Empirical Study of Gender Challenges of Exporting for Women-Owned Firms. *ADMINISTRATIVE SCIENCES ASSOCIATION OF CANADA-ANNUAL CONFERENCE-*, 21(11), 46–56.
- Padovez-Cualheta, L., Borges, C., Camargo, A., & Tavares, L. (2019). An entrepreneurial career impacts on job and family satisfaction. *RAUSP Management Journal*, 54, 125–140.
- Rodriguez, M. J., & Santos, F. J. (2009). Women nascent entrepreneurs and social capital in the process of firm creation. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 5(1), 45–64.
- Roomi, M. A., Rehman, S., & Henry, C. (2018). Exploring the normative context for women's entrepreneurship in Pakistan: A critical analysis. *International Journal of Gender and Entrepreneurship*.
- Shane, S. (2000). Prior knowledge and the discovery of entrepreneurial opportunities. *Organization science*, 11(4), 448–469.
- Shelton, L. M. (2006). Female entrepreneurs, work–family conflict, and venture performance: New insights into the work–family interface. *Journal of small business management*, 44(2), 285–297.

- Shepherd, D. A., Patzelt, H., & Wolfe, M. (2012). Moving Forward from Project Failure: Negative Emotions, Affective Commitment, and Learning from the Experience. *Academy of Management Journal*. <https://doi.org/10.5465/amj.2010.0102>
- Silva, P. M. M. da, El-Aouar, W. A., Silva, A. W. P. da, Castro, A. B. C. B. C. de, & Sousa, J. C. de. (2019). A resiliência no empreendedorismo feminino. *Gestão e Sociedade*, 13(34), Article 34. <https://doi.org/10.21171/ges.v13i34.2346>
- Silveira, A., Appio, J., & de Souza Domingues, M. J. C. (2008). Atributos de qualidade da disciplina de Custo Aplicado à Administração. *Anais do Congresso Brasileiro de Custos-ABC*.
- Strobino, M. R. de C., & Teixeira, R. M. (2014a). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: Estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração (São Paulo)*, 49, 59–76.
- Strobino, M. R. de C., & Teixeira, R. M. (2014b). Empreendedorismo feminino e o conflito trabalho-família: Estudo de multicasos no setor de comércio de material de construção da cidade de Curitiba. *Revista de Administração*, 49(1), 59–76. <https://doi.org/10.5700/rausp1131>
- Stroe, S., Siren, C., Shepherd, D., & Wincent, J. (2020). The dualistic regulatory effect of passion on the relationship between fear of failure and negative affect: Insights from facial expression analysis. In *JOURNAL OF BUSINESS VENTURING* (Vol. 35, Número 4). ELSEVIER. <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2019.105948>
- Wilkens, J. (1989). *A Mulher Empreendedora*. São Paulo: Mc-Graw-Hill.
- Wu, J., Li, Y., & Zhang, D. (2019). Identifying women's entrepreneurial barriers and empowering female entrepreneurship worldwide: A fuzzy-set QCA approach. *International Entrepreneurship and Management Journal*, 15(3), 905–928.